

**Apesar da queda, exportações da indústria do RS seguem crescendo**

**Medidas de ajuste na Argentina devem afetar a indústria gaúcha em 2019**

**Exemplo de política pública mal desenhada: universidade pública gratuita**

**Produção industrial gaúcha se expandiu em agosto**

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

[www.fiergs.org.br/economia](http://www.fiergs.org.br/economia)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Apesar da queda, exportações da indústria do RS seguem crescendo

Responsável por 64,4% do total exportado pelo RS, a Indústria embarcou US\$ 836 mi em setembro, decréscimo de 22,2% ante o mesmo mês de 2017. Das 22 categorias do setor secundário para as quais houve embarque, 15 apresentaram retração. Destacaram-se, positivamente, os segmentos de Coque e derivados (+1033,3%), Celulose e papel (+25%) e Borracha e plástico (+4,5%), enquanto os negativos foram Veículos automotores (-45,5%), Máquinas e equipamentos (-33,8%) e Produtos de metal (-32%).

A variação negativa das exportações da Indústria neste mês foi disseminada entre os dez principais destinos que participam do comércio com o RS, especialmente pela redução da comercialização de produtos com Argentina, Estados Unidos e China.

A retração de 68,2% nas exportações para Argentina foi influenciada pelos segmentos de Veículos automotores (-US\$ 55 mi), Máquinas e equipamentos (-US\$ 27 mi) e Químicos (-US\$ -17 mi). Já para os Estados Unidos, o recuo de 34,3% é reflexo da queda de quase toda a pauta do setor secundário, com destaque para o Tabaco (-US\$ 13 mi). Por último, apesar da variação positiva para a categoria Alimentos (+US\$ 16 mi), a China assinalou queda na demanda de Materiais elétricos (-US\$ 15 mi), Tabaco (-US\$ 8 mi) e Madeira (-US\$ 8 mi), resultados que foram decisivos para contração de 32,2% no mês.

No caso da Argentina, a deterioração das condições econômicas influenciou no desempenho das

exportações, enquanto a base de comparação elevada produziu um efeito estatístico sobre os resultados apresentados para Estados Unidos e China.

No acumulado do ano, o valor exportado pela Indústria do RS totalizou US\$ 12 bilhões, performance 32,1% superior em relação ao mesmo período de 2017. O seguimento Material de transporte impactou o resultado em decorrência das operações com duas plataformas de petróleo registradas como exportação, somando um valor de US\$ 2,83 bi. Desconsiderando a influência das plataformas, a Indústria gaúcha apresentaria apenas um modesto crescimento da ordem de 0,9%.

### Exportações da Indústria do RS

(em milhões de US\$)

	set/17	set/18	Var. (%)
Alimentos	275	204	-25,8%
Tabaco	169	137	-18,9%
Químicos	139	125	-10,1%
Couro e calçados	78	67	-14,1%
Veículos automotores	121	66	-45,5%
Máquinas e equipamentos	68	45	-33,8%
Produtos de metal	50	34	-32,0%
Coque e derivados	3	34	1033,3%
Borracha e plástico	22	23	4,5%
Celulose e Papel	16	20	25,0%
Outros	133	81	64,2%
<b>Total da Indústria</b>	<b>1.074</b>	<b>836</b>	<b>-22,2%</b>

Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços.

\*Os dez principais destinos são : CHI, EUA, ARG, BEL, PAR, CHI, ESL, ALE, PER e URU.

## Medidas de ajuste na Argentina devem afetar a indústria gaúcha em 2019

Maior parceiro comercial do RS na América do Sul, a Argentina vem reduzindo a sua participação na aquisição de produtos da Indústria gaúcha em 2018. Só neste mês, o recuo foi de 68,2%, US\$ 122 mi a menos em relação a setembro de 2017.

Embora os quatro primeiros meses do ano tenham apresentado variação positiva, a reversão do resultado nas vendas para a Argentina, a partir de maio, ocasionou, no acumulado de janeiro a setembro, retração de 9,7% (-US\$ 131 mi) ante o mesmo período do ano anterior.

Desde a terceira semana de abril, observou-se uma escalada da depreciação do peso argentino frente ao real, fato que encareceu relativamente os produtos brasileiros e, conseqüentemente, produziu um efeito direto sobre às exportações. Outros fatores como a volatilidade internacional, a perspectiva de recessão econômica (-2,4% do PIB) e da necessidade do ajuste fiscal (déficit primário de 2,6%) para 2018, a escassez de reservas internacionais e a quebra da safra ajudam a explicar a contração da demanda do País vizinho.

A expectativa para as condições macroeconômicas da Argentina em 2019 não são nada animadoras, já que o orçamento proposto pelo governo - no qual o mercado

acredita que seja bastante otimista - prevê um déficit fiscal primário nulo, com recessão do PIB de 0,5% e inflação em torno de 23% a.a.

Ademais, o governo Macri firmou um segundo acordo com o FMI para estabilização da economia argentina, onde o desembolso concedido (US\$ 57,1 bi) afasta um risco de calote da dívida no curto prazo. Em contrapartida, a instituição exige do País um forte controle monetário, adoção do regime de câmbio flutuante e manutenção da atual taxa de juros de curto prazo (60% a.a), esta última sendo a maior taxa praticada no mundo atualmente.

Tais medidas de caráter recessivo, combinadas a uma expectativa de inflação elevada, tendem a aumentar o desemprego, deteriorar os salários reais e reduzir o fluxo de investimentos.

Em vista deste cenário pessimista, espera-se que a capacidade de importação de produtos gaúchos pelos argentinos se reduza em 2019, sobretudo a pauta de Veículos automotores, Químicos e Máquinas e equipamentos que, juntas, representam quase 70% do valor exportado para o principal destino sul americano.

## Exemplo de política pública mal desenhada: universidade pública gratuita

Ao longo das últimas décadas, o Brasil experimentou avanços significativos no acesso à educação. A proporção da população com ensino médio completo passou de 30% em 2004 para 42% em 2013, segundo a PNAD. Com isso, a escolaridade média no Brasil também subiu, de 5,6 anos em 2000 para 7,6 anos em 2015, se aproximando da média verificada em nos nossos pares latino-americanos. Contudo, a qualidade da educação no Brasil ainda deixa muito a desejar. Segundo a OCDE, o desempenho médio brasileiro no PISA de 2015 foi pior do que o de quase todos os países latino-americanos avaliados, além de ter sido menos homogêneo. A grande variância nas notas por aqui mostrou que existem, ao mesmo tempo, alunos bem qualificados e outros que aprenderam muito pouco.

Mesmo diante desse quadro do ensino básico, o gasto público por aluno no Brasil tem priorizado o ensino superior. Segundo a OCDE, o investimento por aluno de graduação é cerca de quatro vezes maior do que o valor por aluno do ensino fundamental e médio, enquanto nos países da OCDE, o gasto é, em média, apenas 1,5 vezes maior. Esse arcabouço educacional acaba por reproduzir as lacunas de oportunidades quando deveria amenizá-las. Como mostrou estudo recente do FMI, os alunos mais ricos estão sobrerrepresentados nas universidades públicas. Estudantes de famílias do quartil mais elevado de renda per capita (os 25% mais ricos) respondem por 47% das vagas, enquanto que os alunos do quartil mais baixo são

apenas 9% do total. Segundo o trabalho, estudantes no 25º percentil de renda têm apenas 2% de chances de estudar em uma universidade pública, enquanto um no 99º percentil tem mais de 30% de probabilidade.

Considerando também a vasta literatura que mostra como os retornos econômicos dos investimentos em educação são relativamente mais elevados na educação básica, em especial na primeira infância, conclui-se que o modelo educacional brasileiro poderia ser mais bem desenhado. Uma alternativa seria cobrar uma mensalidade proporcional a renda familiar para os alunos que podem pagar pelo ensino superior, utilizando esses recursos para estimular a educação na primeira infância. Outra possibilidade, já implantada com sucesso em alguns países do mundo, seria a distribuição de *vouchers* para crianças de baixa renda estudarem em escolas privadas durante o fundamental. Não existe, nesse sentido, uma solução universal. Uma construção que funciona em regiões rurais, por exemplo, pode não dar certo em periferias urbanas.

A educação é um dos gargalos ao aumento da produtividade no Brasil. Ao mesmo tempo, é um tema cercado por ideologismos, que dificultam um debate apropriado. É preciso que se desenhe um modelo que privilegie a educação básica no Brasil, equilibrando o “ponto de partida” dos alunos que irão competir por vagas em universidades e empregos no futuro. Os prejuízos cognitivos de uma educação deficiente nos primeiros anos de vida são irreversíveis.

## Produção industrial gaúcha se expandiu em agosto

Segundo o IBGE, a produção industrial gaúcha cresceu 0,8% em agosto na comparação com o período imediatamente anterior (dado dessazonalizado), completando o terceiro mês seguido de crescimento nessa base de comparação e atingindo o maior nível desde novembro de 2014. Após a melhora nos dois últimos meses, a produção industrial do RS parece dar sinais mais claros de recuperação, mas que ainda são concentrados em alguns setores, como Veículos e Celulose e papel.

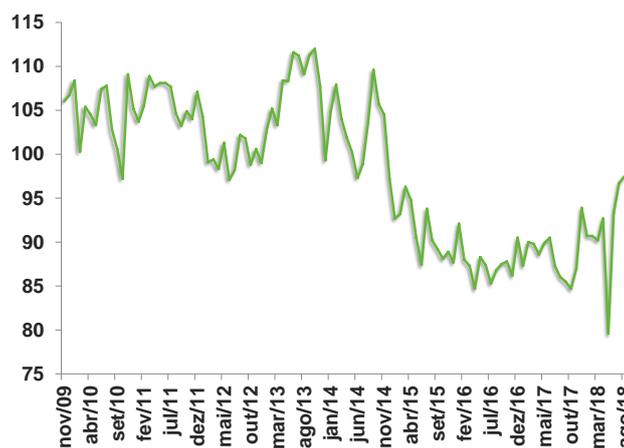
Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, a produção cresceu 12,3% em agosto de 2018, a mesma taxa observada em julho para essa base de comparação. Ainda nessa base, a produção industrial gaúcha subiu em 6 dos 8 meses com dados disponíveis. Entre os segmentos com bom desempenho no mês, destacaram-se Celulose e papel (115,0%), Derivados de petróleo e biocombustíveis (41,5%) e Veículos (32,4%). Por outro lado, Bebidas (-15,7%) e Borracha e plástico (-7,7%) caíram nesse mês.

Com isso, no acumulado do ano, a produção acelerou sua taxa de expansão de 2,3%, em julho, para 3,7% em agosto, bem acima da produção nacional (2,5%). Os segmentos com maior variação no ano foram Celulose e papel (30,8%) e Veículos (17,8%).

Na taxa acumulada em 12 meses, a variação acelerou de 0,8% em julho para 2,0% em agosto, se aproximando do nosso cenário base de 3,0% de expansão da produção para o fim do ano. Apesar da melhora nos últimos meses, não há muitas razões para otimismo com relação à tendência de recuperação da indústria gaúcha, cuja limitação de curto prazo se deve, principalmente, a baixa confiança e a demanda desaquecida.

### Produção Industrial - RS

(Índice com ajuste sazonal – Média de 2012 = 100)



Fonte: IBGE